

RITUAL DO *KUNUMI PEPEY* – IREMOS PERDER UMA PARTE DA NOSSA HISTÓRIA?

Natanael Vilharva Cáceres¹
Tatiana Rojas Rodrigues²
Andréia Sangalli³
Veronice Lovato Rossato⁴

1 - Universidade Federal da Grande Dourados - MS, Faculdade de Educação, Acadêmico da Licenciatura Intercultural Indígena – Ciências da Natureza, Dourados-MS. Email: tony.guarani@ig.com.br

2 – Secretaria Estadual de Educação-MS, Professora da Licenciatura Intercultural Indígena – Ciências da Natureza, da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS. Email: tathy_r@yahoo.com.br

3 - Universidade Federal da Grande Dourados - MS, Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais, Professora do curso Licenciatura Intercultural Indígena – Ciências da Natureza, Dourados-MS, Email: AndreiaSangalli@ufgd.edu.br

4 - Secretaria Estadual de Educação-MS, professora do curso Licenciatura Intercultural Indígena – Linguagem, da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS. Email: veronicerossato@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho vem apresentar a descrição, de forma mais completa possível, do ritual do *Kunumi Pepy*, perfuração do lábio dos meninos, que até alguns anos atrás, era realizado na Terra Indígena Panambizinho. A descrição completa é de extrema dificuldade porque a comunidade masculina mantém em sigilo, e é repassado somente aos que passaram por este ritual. Há informações que não são conhecidas pelas mulheres durante a preparação e realização da cerimônia; há também informações que somente os que possuem o lábio inferior furado conhecem e que não pode ser conhecidas por homens de outra etnia. Os procedimentos que pretendo usar para a realização desta pesquisa são os seguintes: relatar de forma escrita todos os acontecimentos deste ritual que abrange toda a comunidade, durante a qual cada um tem suas tarefas; relatar os ensinamentos que são dados aos meninos Kaiowá e os ritos que se seguem durante os dias da cerimônia; comparar os trabalhos já realizados nesta área com a minha pesquisa para caracterizar melhor os detalhes desta cerimônia, como os cantos, rezas, entre outras; realizar um estudo com os homens que passaram e os que não passaram pelo ritual; levantar informações sobre a idade e ano em que cada menino passou pela cerimônia e se ainda faz uso do *tembetá* e em quais ocasiões; destacar a importância que os mais velhos dão à cerimônia; levantar informações sobre o motivo que os levaram a não realizar mais este ritual; refletir com os alunos e a comunidade em geral sobre: o resultado das mudanças que ocorrem devido à cerimônia não estar sendo mais aplicada; formular, a partir das informações e reflexões colhidas, uma análise sobre as mudanças que isso tem provocado na organização social e nos costumes da comunidade. Minha intenção é também provocar reações na comunidade quanto à retomada ou não do *Kunumi Pepy*. Como produto final, a pesquisa será registrada na forma de um material didático para ser trabalhado com os meninos kaiowá.

Palavras Chave: *Kunumi Pepy*, *tembetá*, Kaiowá, conhecimento tradicional.

Breve histórico do Tekoha Panambizinho

Panambizinho é uma aldeia localizada a menos de 30 km de Dourados, na porção Sul do Estado de Mato Grosso do Sul, com uma **área:** 1.240,00 há, (Neppi), o nome em kuiuá quer dizer borboletinha, nome devido a grandes variedades de borboletas que por aqui viviam, diferentemente de hoje, quando nossas matas foram totalmente devastadas antes de reavermos dos colonos, contudo, onde a comunidade é formada basicamente de Kuiuá, (que apesar de freqüentes convivências com a sociedade envolvente e com parentes de outras etnias vem mantendo a maioria dos costumes e tradições). O município contempla a maior população de guarani e Kuiuá no Estado de Mato Grosso do sul. Atualmente vivemos numa área 124,00 hectares, e totalizamos 88 famílias, 337 pessoas (fonte: Samuel Aquino, agente de saúde da FUNASA).

Recentemente vivemos um grande acontecimento que foi um marco na história de nosso povo guarani e Kuiuá, quando conseguimos, sem violência, apenas com nosso modo de luta e ajuda dos *Nhanderu*, Nosso pai, reaver o nosso antigo *Tekoha* local onde se vive, território, *ore yvy roipyhy jevy* retomamos nosso território. Hoje, particularmente, percebo que há dois principais objetivos de nós Guarani e Kuiuá, reaver *yvy roikohague* (antigo território), fortalecer e reascender *opa umi ore reko* (todo o nosso modo de vida). Atualmente nós como professores indígenas temos visto que a escola indígena é uma das ferramentas que podemos e temos que utilizar para alcançar esses objetivos, uma vez que é um espaço onde se constrói e fortalece identidades.

Tekoha Panambizinho sempre foi um exemplo de preservação cultural, luta indígena, manifestação cultural, e a comunidade sempre faz questão de estar presentes em todos os *aty guasu* das lideranças e dos *nhanderu*, sempre se auto identificaram como *te'yi ete* (verdadeiros índios), nos momentos de alguma liderança ou *nhandéru*, até mesmo *nhandesy* nossa mãe, discursar, sempre iniciava com *nhande te'yi ete nhande rembekuava*", "nós verdadeiros kuiuá que temos o lábio furado", (fala do senhor Francisco Pedro, durante uma reunião de planejamento da educação escolar indígena,) modo de auto identificação, da qual todos da comunidade se orgulham. (quem disse isto) seria legal vc colocar aki e na bibliografia colocar nome completo, idade, etnia, onde nasceu e data da entrevista)

Penso que dentre vários modos de ser do povo do Panambizinho, o que os identifica mais é o adorno que os do sexo masculino utilizam no lábio inferior, é o que os diferencia de todas as outras etnias e também dos próprios kuiuá de outros *tekohá*, uma vez que somente os moradores do Panambizinho utilizam tal adorno. Este adorno é confeccionado de uma árvore considerada sagrada, chamada por nós de *tembetary*, a qual não é derrubada, somente se faz (uma pequena incisão) um pequeno corte no tronco, por onde a resina poderá escorrer, e é colocado uma taquarinha fina no tronco com a finalidade de armazenar a resina, que após algum tempo, se torna inquebrável e pronto para confeccionar o *tembetá* (adorno labial)

Justificativa

Os primeiros historiadores relataram que, já haviam percebido o adorno usado pelos homens, bem no início dos contatos entre o povo do Panambizinho com a chamada civilização.

Porém, mudanças inevitáveis têm trazido modificações aos costumes e formas de vida da comunidade, principalmente a perda das lideranças religiosas, *mba'e rehenduhá*, ou seja, aquele que ouve a voz de Deus; *Hechakary*, homem sábio que vê e cura os doentes, que faz *temify jehovasá*, bênção das plantações, entre outras responsabilidades para com a comunidade.

Foi assim que depois de muitas preocupações com Paulito Aquino, um dos últimos principais responsáveis pela cerimônia do *kunumi pepy*, chegou a notícia que tanto a comunidade temia. No dia 03 de agosto de 2003 (data da morte do Paulito Aquino), se ouviam as lamentações da pequena comunidade em números de pessoas, porém incomparáveis em força de vontade que possuíam. No entanto, neste momento, um medo estranho disseminava entre eles, pois, era início de mudanças que o afetariam como uma doença incurável:

“ *Nhanderejama nhamõ Paurita*”, “O vovô Paulito nos deixou”. Diziam carinhosamente, em prantos sobre o corpo.

No dia 05 de fevereiro de 2008, mais uma vez a comunidade enfrenta os seus terríveis medo, a perda de um líder espiritual:

“*Omanoma voiko nhamõ Lauro*”. “Morreu o vovô Lauro.” Disse o Agente de saúde Reginaldo Aquino, dando a triste notícia aos seus familiares. Todos se encaminharam aos prantos para a casa do *nhamõ*.

Após algum tempo, durante uma conversa com o liderança política Valdomiro Oswaldo Aquino, ele expôs a sua preocupação com filho que já estará completando sete anos, Valdomiro disse que o seu filho já estava passando da idade de passar pelo *kunumi pepy*, mas ele mesmo disse que não havia mais os *mba'e rehenduhá* e nem *hechakary* para realizar a cerimônia, há somente os *yvyra'ijá*, ajudantes, porém os principais já não estavam mais vivos. De repente os seus olhos demonstraram um pouco de esperança quando se lembrou do Ataná, dizendo que só havia ele com todo o conhecimento para realizar a cerimônia, e Valdomiro acrescenta que seria muito trabalhoso conseguir capim e madeira para *ogusu* (casa de reza, local sagrado). Mas com empolgação disse que isso seria mais fácil, o mais difícil era uma pessoa com conhecimentos necessários para a cerimônia, e este era o Ataná que é um dos últimos grandes líderes espirituais reconhecidos por todos os kaiuá de Mato Grosso do Sul.

Ouvindo isto, percebi a necessidade de registrar por escrito, como era a cerimônia, e se possível, encorajar pessoas como Valdomiro e outros a realizarem mais uma vez o *Kunumi pepy*. Também para que

esse material seja um instrumento de valorização dos conhecimentos desta comunidade, e que nós próprio possamos perceber a importância de mantermos esses conhecimentos que nos identifica, como os antigos reforçam tanto, "os verdadeiros donos destas terras." Durante a preparação do ritual, muitos ensinamentos são repassados aos homens, estes o valorizam e muito, isso propicia convívio de respeito, de entendimento para todos, é o que estamos necessitando.

Objetivo Geral

O trabalho a seguir tem como objetivo, registrar o ritual do *Kunumi pepy* para que a história do nosso povo não se perca, e de forma pedagógica ou histórica, sejam repassadas as gerações vindouras, para que conheçam como viviam os antepassados.

Objetivos Específicos

Elaborar material para as escolas indígenas; refletir com os alunos que não possuem *tembetá*, o porquê que os mais antigos se identificavam ou se identificam autênticos Kaiuá; refletir com os alunos e comunidade sobre a mudança que tem ocorrido entre nós por falta da cerimônia, refletir como iremos lidar com essas mudanças, se aceitaremos ou não, qual atitude tomar, aceitar ou enfrentar de modo a minimizar a perda da nossa identidade cultural; enfim provocar reações na comunidade se iremos ou não retomar o *kunumi pepy*.

Metodologia

Para realização deste trabalho espero envolver primeiramente todos os colegas professores que também estão preocupados com a cerimônia que há muito não é realizado. Para isso, iremos colher os materiais que já possuímos, todavia, em pouca quantidade; aqueles que já passaram pelo rito, descrever e desenhar o que relembram, pesquisar com os pais quais querem realizar a cerimônia e quais tem o *huvichá*. O primeiro filho homem que deverá passar pela cerimônia e este deverá ser o primeiro filho homem do casal, o primogênito, relatar como cada um na comunidade realizava as tarefas durante o decorrer do ano, quando se faz a preparação do *kunumi pepy*, preparando as plantações, as vestimentas, os alimentos, o *avati moroñi* (milho branco) indispensável durante o ritual, *apyka* (banquinho feito de madeira especial), *kyhá* (rede tecida de algodão) exclusivamente para esta ocasião, e se possível descrever o comportamento dos *mba'e rehenduhá*, *hechakáry*, *yvyra'ijá*, os *kunumĩ* crianças do sexo masculino), *mitãygue* crianças em geral, para que alguém se interesse em aprender os conhecimentos do Ataná para dar continuidade ao ritual;

Confeccionar, fotografar, desenhar os instrumentos que eram utilizados. Para isso, pretendo usar materiais como: caderno de desenho, sulfite, lápis, lápis de cores, giz de cera, canetinha, caderno de

anotações, máquina fotográfica, e até mesmo filmadora. Com este trabalho espero ajudar a comunidade a realizar o *Kunumi pepy*, ajudar a construir *ogusu* para os principais *Nhanderu* como forma de incentivo para as práticas culturais, disponibilizar materiais para fins pedagógicos às escolas indígenas.

Produto Final

Elaboração de materiais pedagógicos para trabalhar nas escolas Kaiuá e repensar como manter parte de nossa história por meio da escrita. Manter o nosso próprio modo de vida, de ser e que a comunidade de hoje perceba quão importante é a auto identificação como verdadeiro senhores destas terras, afim de que percebendo isso, as crianças, jovens e enfim, todos possam se auto valorizar, elevar sua auto-estima, e perceba que o seu modo de vida é tão valorosa com o modo de ser ocidental, e que uma não se sobrepõe sobre a outra. Propiciar aos leitores, não indígenas, conhecimentos para que respeitem o nosso modo de vida, e ao menos, sejam capazes de compreender a necessidade de reaver nossas terras, para nossa própria sobrevivência, tanto em aspectos físicos, como culturais.